

Graham Phoenix

Por Maria Clara de Maio

Com a palavra, o presidente da IALD

EM OUTUBRO DO ANO PASSADO, O LIGHTING DESIGNER Graham Phoenix, então presidente eleito da IALD – *International Association of Lighting Designers*, veio ao Brasil participar de um encontro promovido pela AsBAI – Associação Brasileira de Arquitetos de Iluminação. Pela primeira vez no país, apesar da breve passagem, Graham gentilmente cedeu esta entrevista à Lume Arquitetura, que contou com a preciosa colaboração de Melissa Stears, arquiteta de iluminação brasileira que trabalha em sua empresa de projetos e consultoria de iluminação, a Lightmatters.

Impressionado com o crescimento do universo do lighting design no Brasil, e com a iniciativa da AsBAI em promover a qualificação dos profissionais e a expansão da associação, Graham ficou muito satisfeito com o que encontrou aqui. Porém, revelou que os problemas enfrentados pela jovem profissão no Brasil não diferem daqueles existentes nos outros continentes. Conheça, a seguir, um pouco de sua história, de suas idéias sobre luz e iluminação e sua missão à frente da IALD.

Lume Arquitetura: Como foi seu ingresso na área de lighting design?

Graham Phoenix: Estava trabalhando no teatro como “gerente de palco”, quando decidi entrar para área de *lighting design*. Queria me envolver mais com a parte criativa da produção de

um show. Iniciei como “eletricista de teatro” e comecei a estudar as produções de vários *designers* de iluminação cênica. Comecei a produzir minhas próprias idéias, baseadas nas criações de outros *designers*, e logo me vi sentado à

mesa de produção com diretores famosos como Jonathan Miller.

Trabalhando com a luz, fui entendendo sua tridimensionalidade e fluidez. A luz está sempre se transformando, ora em suas cores, ora em suas direções e intensidade. Nunca é estática e era sob esses aspectos que eu tentava criar uma luz no palco.

Lume Arquitetura: Você trabalhava em Londres?

Graham Phoenix: Em Londres e em todo o país. Eu trabalhava em óperas e dramas e, basicamente, qualquer tipo de iluminação que aparecia, até mesmo em concer-

tos e shows. Após meu casamento, minha visão da carreira mudou quando começamos a ter filhos. Percebi que não poderia ficar trabalhando no teatro e precisaria fazer algo diferente.

Lume Arquitetura: Por que?

Graham Phoenix: Porque era muito ausente, nunca ficava em casa. Na época estava trabalhando numa ópera e as turnês duravam 6 semanas. Isso não era um problema enquanto minha esposa também trabalhava na BBC, mas quando ela



Foto: Divulgação

parou para ficar em casa com nossos filhos, senti que precisava ficar mais com eles. Então, percebi que poderia reutilizar minha aptidão em iluminação cênica em iluminação para arquitetura. Naquela época, essa mudança não era tão comum quanto é hoje.

Lume Arquitetura: Por que você acha possível fazer essa mudança? Por que iluminação de arquitetura é um mercado maior e mais amplo também na Inglaterra?

Graham Phoenix: Isto é verdade, esse é um mercado maior. Criar *lighting design* para arquitetura pode ser um choque cultural para quem vem da iluminação cênica, porque o que você cria fica registrado “em pedra”. Como *lighting designer* arquitetônico, frequentemente você tem que imaginar seu projeto dali a três anos, normalmente projetando somente em papel, sem poder sentir o espaço fisicamente. Na iluminação arquitetônica, você não tem a chance de mudar as luminárias de posição como no teatro. Alguns *lighting designers* cênicos não conseguem fazer essa transição por causa dessas diferenças. Somente após muito tempo consegui trabalhar apenas como *lighting designer* para arquitetura. Primeiro trabalhei na administração de um fabricante, depois numa revendedora, fazendo projetos para três filiais do sul da Inglaterra. Em média, eu realizava de três a quatro projetos por dia enquanto estava lá. Isso me ensinou a trabalhar e a ter raciocínio rápido.

Lume Arquitetura: Qual o fator mais importante para se entender a luz?

Graham Phoenix: É entender sua qualidade de substância tridimensional. Isso é o que se aprende no teatro. Fora do teatro é difícil ganhar essa experiência; entender como ela vem de direções diferentes, tem características diferen-

tes, pode ser sutil ou nítida, que possibilita cores e texturas diferentes... É saber “brincar” com essas diferentes qualidades.

Lume Arquitetura: Você quer dizer, entender como essa ferramenta funciona e, então, como equipamentos que a produzem podem ser úteis?

Graham Phoenix: Sim, o problema é que muita gente utiliza o equipamento como a ferramenta, para depois ver o que podem criar com aquilo. Quando se vem da origem que eu vim, da iluminação cênica, você sabe o efeito que quer produzir e somente aí é que procura o

“Na iluminação arquitetônica existe muita ênfase no equipamento propriamente dito. Para mim, iluminação é sobre emoções, sobre tons sutis de cor. Vejo a iluminação de uma maneira tridimensional, tento projetá-la em 3-D na minha cabeça”

equipamento adequado. Lightfair, Light+Building Frankfurt e *showrooms* de fabricantes são locais onde você pode ver o que o mercado oferece. Na iluminação arquitetônica existe muita ênfase no equipamento propriamente dito. Para mim, iluminação é sobre emoções, sobre tons sutis de cor e não sobre a cor, sobre direcionamento e as sombras criadas, sobre todas essas qualidades sutis. Vejo a iluminação de uma maneira tridimensional, tento projetá-la em 3-D na minha cabeça.

Lume Arquitetura: Você acha que isso pode ser chamado de talento?

Graham Phoenix: Talvez seja talento,

talvez experiência, mas no final é apenas sobre o que vemos. Todos poderiam abrir os olhos, olhar ao seu redor e ver o que eu vejo. De alguma maneira vejo diferente. Muita gente olharia para este bar e acharia apenas um lindo bar [a entrevista foi realizada no Bar Original, no bairro de Moema, em São Paulo]. Vejo além de sua fachada, vejo a estrutura de luz e sombras e como isto foi criado. Estou acostumado a ver as coisas de uma forma diferente, tenho me treinado há anos para captar este jogo de luz e sombra. Quando vejo fotos, desenhos e quadros, sempre olho para ver como a luz foi utilizada, tanto a natural quanto a artificial. Muitos bons arquitetos pensam em iluminação somente através dos equipamentos, mas alguns vêem a luz propriamente dita também. Eles não são *lighting designers*, eles não poderiam projetar luminárias, mas sabem o que vêem e conseguem ver o que a luz pode fazer nas superfícies e no espaço.

Lume Arquitetura: Você acha que *lighting designers* cênicos podem ser bons profissionais em iluminação arquitetônica?

Graham Phoenix: Ah, sim!

Lume Arquitetura: E um arquiteto, pode criar uma boa iluminação cênica?

Graham Phoenix: Não necessariamente. Não é impossível, mas é mais difícil e existe uma boa razão que abrange uma das principais diferenças entre *lighting design* e arquitetura. Num palco você aprende a lidar com o movimento de pessoas dentro de um espaço, seu ponto de vista é constante, mas a cena está em mudança constante. Em arquitetura você aprende a lidar com o edifício, estático. Existe uma tendência dos arquitetos a ver os edifícios sob um ponto de observação específico, enquanto que o *lighting designer* lida com movimento todo o tempo, pessoas

se movimentando em relação ao espaço. Uma outra grande diferença é que um *lighting designer* vê pessoas, seus rostos e interações, enquanto um arquiteto vê as superfícies do edifício.

Lume Arquitetura: *Mas quando se projeta uma iluminação interna, você a desenha para o conforto das pessoas, prevendo funções e movimentos...*

Graham Phoenix: Sim, mas existem dois tipos diferentes de iluminação interna: a iluminação para moradia e iluminação para embelezamento de um espaço, e elas nem sempre são a mesma coisa. Frequentemente, *designers* de interiores criam uma iluminação boa para os usuários, mas que não realça o espaço. *Lighting designers* iluminam um espaço para realçar suas qualidades, mas nem sempre é confortável para o uso diário. Ao olharmos uma revista de decoração, é comum vermos belos ambientes, onde a iluminação criada pelo arquiteto não é boa, mas o espaço está muito atraente. O que tento fazer é realçar o espaço, agradando, assim, ao arquiteto, e, ao mesmo tempo, criar um ambiente confortável para o uso diário, agradando também ao cliente.

Lume Arquitetura: *Voltando um pouco para sua carreira, você ainda atua em iluminação cênica ou se dedica somente à iluminação arquitetônica ?*

Graham Phoenix: Mantenho-me próximo ao teatro, mas não faço mais iluminação cênica há cerca de 20 anos. Sinto falta, mas ainda estou muito ligado a ela, pois nosso escritório projeta iluminação para muitos teatros, mais regularmente do que qualquer outro. Projetamos a iluminação para auditórios e *foyers*, aliás, para todos os espaços públicos dentro de um teatro. Estamos, no momento, projetando seis teatros no West End, em Londres, para o Sir Cameron Macintosh, produtor de teatro. Estamos também criando uma “Estraté-

gia Luminotécnica” para a região inteira do West End, conhecida como “Theatreland”. Ainda trabalho com pessoas que conheci anos atrás no teatro e mantenho esses contatos pessoais muito próximos. Uso técnicas na iluminação cênica que acredito não serem usadas por outros arquitetos ou *designers*. Uso cor e mudanças dinâmicas, uso muito *lighting control*, levando em conta que a iluminação muda durante as diferentes horas do dia. Desenho uma iluminação dramática em espaços públicos.

*Um dos escritórios
britânicos pioneiros
foi formado
por um arquiteto,
um iluminador de teatro
e um engenheiro.
O interessante na nossa
profissão é ter essa
mistura de pessoas com
backgrounds diferentes.*

Lume Arquitetura: *Fale um pouco sobre a IALD, a Associação Internacional de Lighting Designers, que você está presidindo a partir de janeiro de 2006.*

Graham Phoenix: A IALD começou em Nova Iorque, nos EUA, 35 anos atrás. Um grupo de *lighting designers* decidiu tentar montar uma associação profissional. O *Lighting Design*, como profissão, teve início em Nova Iorque e é onde hoje provavelmente exista o maior número de profissionais com essa especialização. Eles se chamaram de associação “internacional”,

porque tinha um canadense presente. Então, um grupo de *lighting designers* ingleses se envolveu com a associação há uns 15 anos – eu inclusive. Hoje somos 10 vezes maiores, mas, na Inglaterra, a profissão não é tão madura quanto nos EUA. Os Estados Unidos têm um posicionamento da profissão muito maduro. Eles trabalham localmente e em todo o mundo. Para muitos *designers* o trabalho é local, com ênfase em projetos residenciais. Eles se mantêm somente fazendo isto. Atualmente, 70% dos membros da IALD são dos EUA. Os outros são da Inglaterra, Europa, Japão, Índia e outros países.

Lume Arquitetura: *São originários da arquitetura?*

Graham Phoenix: Não, a maioria não é arquiteto. Grande parte dos *lighting designers* nos Estados Unidos, por exemplo, é proveniente do teatro.

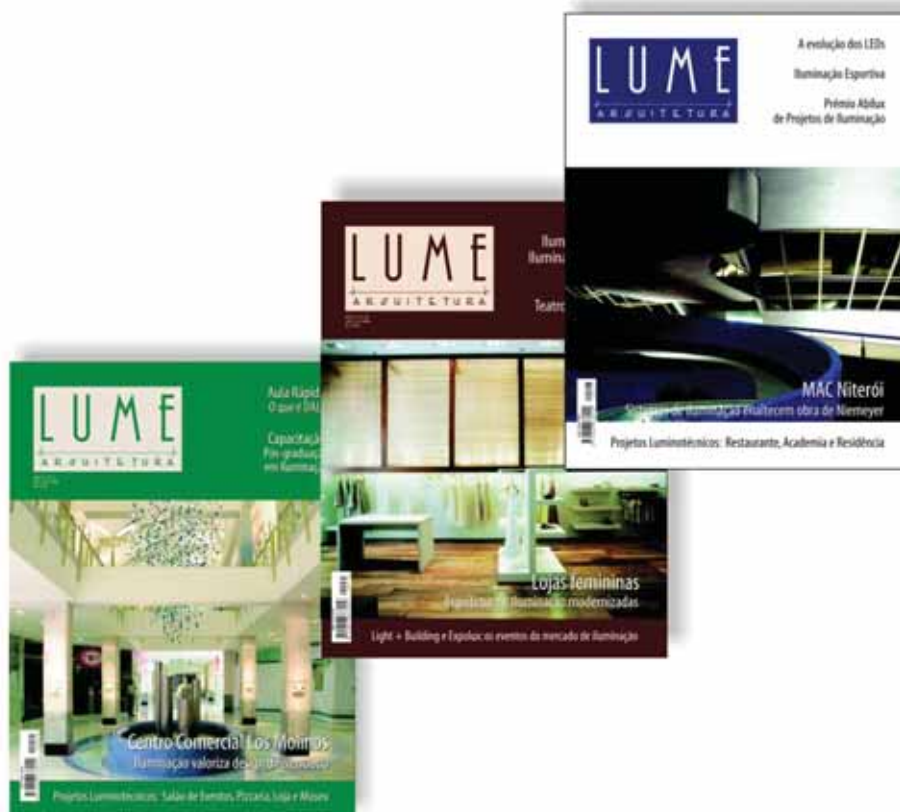
Lume Arquitetura: *É necessário ser um arquiteto para ser membro da IALD?*

Graham Phoenix: Não. Eu acho prudente para a profissão não se limitar. O interessante na nossa profissão é ter essa mistura de pessoas com *backgrounds* diferentes, como arquitetura e teatro. Um dos grandes escritórios britânicos pioneiros em *Lighting Design* – o *Lighting Design Partnership* – foi formado por três sócios. Um era arquiteto, outro veio do teatro e o terceiro era engenheiro. A combinação das aptidões dessas três atividades foi fantástica. Quando se limita a uma ou a outra, não se tem um processo tão rico. Preocupa-me que aqui no Brasil a profissão se limite e insista que os *lighting designers* devam ser arquitetos. Não ter esse intercâmbio de idéias das diferentes áreas pode resultar em perdas de talentos e capacidades e de grandes contribuições para o *Lighting Design*.

Anuncie

Lume Arquitetura. Os melhores clientes são os que têm acesso à melhor informação.

Um profissional bem informado reconhece o que é tradição, sem ter medo do novo. Conhecimento é poder. Por isso, Lume Arquitetura é lida pelos melhores profissionais do mercado. São arquitetos, lighting designers, engenheiros, pessoas interessadas em conhecer o produto ou serviço que você tem a oferecer. Anuncie em Lume Arquitetura e ganhe visibilidade na melhor revista do segmento de iluminação.



Publicidade Lume Arquitetura

(11) 3801 3497

publicidade@lumearquitetura.com.br

ou no nosso site: www.lumearquitetura.com.br

LUME
ARQUITETURA

A melhor informação sobre iluminação

Lume Arquitetura: Quando se tornou um membro da IALD, achou que um dia se tornaria presidente?

Graham Phoenix: Ah, não...

Lume Arquitetura: Como foi o processo da eleição?

Graham Phoenix: Fui escolhido e nomeado por um comitê, e eleito pelos membros. Não tive oposição. Como tenho que viajar muito para os Estados Unidos, aprendi como trabalhar de uma maneira diferente do que na Inglaterra. Moro e trabalho em Londres. Entretanto, somos um escritório de *lighting design* internacional, trabalhamos em todo o mundo. Temos projetos na Grécia, Turquia, Kuwait, Egito e na Grã-Bretanha. Temos em nosso time uma profissional brasileira e outros, americanos. Acho a interação de *designers* de nacionalidades diferentes super interessante. Neste novo posto, estou muito interessado em como a IALD pode crescer como associação internacional.

Lume Arquitetura: Por que?

Graham Phoenix: Porque é uma associação internacional e deve representar isso. Na Grã-Bretanha devem existir uns 20 membros da IALD. Nos EUA, há entre 300 e 400 membros profissionais. Existem muitos *lighting designers* em todo o mundo e não acho que, necessariamente, temos que participar da mesma associação. Mas acho que temos que nos conhecer, nos comunicar, e entender como cada um trabalha. Uma das razões da minha visita ao Brasil foi conhecer membros da AsBAI para que eles saibam o que a IALD faz e para que eu possa ver o que eles estão fazendo; para nos entendermos melhor. Poderemos ou não estar conectados, mas isto depende de como vemos a profissão se desenvolver internacionalmente.

Lume Arquitetura: E como ela está se desenvolvendo?

Graham Phoenix: Uma das coisas que gostaria de desenvolver é uma estrutura onde associações em vários países possam trabalhar em conjunto. Na IALD percebemos que, não necessariamente, teremos todos uma só estrutura. A maneira como o grupo funciona em Chicago não é necessariamente a melhor maneira para a Grã-Bretanha, Austrália, Brasil ou Alemanha. O que estou tentando descobrir não é somente como IALD e ELDA (European Lighting Design Association) poderiam trabalhar juntas, mas também IALD e

Gostaria de desenvolver uma estrutura onde associações em vários países possam trabalhar em conjunto. Achar uma maneira pela qual possamos manter nossa individualidade e também fazer com que a profissão cresça ao redor do mundo, para que arquitetos nos escutem e nos dêem atenção.

AsBAI. Estou interessado em achar uma maneira pela qual possamos manter nossa individualidade e também fazer com que a profissão cresça ao redor do mundo, para que arquitetos nos escutem e nos dêem atenção.

Lume Arquitetura: Vocês têm recursos para desenvolver este trabalho em nível mundial?

Graham Phoenix: Sim, temos dinheiro. O dinheiro vem dos fabricantes de formas variadas. A maior contribuição vem da Lightfair. Mas também trabalhamos com fabricantes em programas

específicos. Acabamos de iniciar, por exemplo, um programa que aborda a questão do consumo energético. Iluminação é um dos principais itens da questão energética; então, iniciamos esse programa com a ajuda de fabricantes. Requer muito investimento até ficar completo, mas ajudará não somente os *lighting designers*, como também os fabricantes. É interessante que, nos Estados Unidos, o suporte que a IALD recebe dos fabricantes é enorme. Isso porque eles vêem uma enorme vantagem nesta ação: quanto maior o suporte, maior retorno econômico recebem.

Lume Arquitetura: Há quanto tempo você é membro da IALD?

Graham Phoenix: Sou membro há 10 anos, e *board member* antes disto. Sou aquele tipo de pessoa que sempre se associa a organizações. Acredito que uma associação só funciona se seus associados se envolvem. Também sempre acreditei que, quando se é membro de algo, você tem que contribuir se desejar algum retorno. Quando eu tinha 19 anos, trabalhava no teatro e era membro do Comitê de Equidade da Escócia, um sindicato dos atores. O que faço pela IALD não é meu trabalho, não é minha profissão. Sou *lighting designer*. Faça isso, essas viagens, etc, usando meu tempo e ficando longe da minha empresa. Poderia estar agora fazendo dinheiro para minha empresa, mas estou aqui. Estou aqui em nome de nossa profissão, da nossa associação, pois acredito que no final todos terão um retorno; acredito que minha empresa terá um retorno. Obviamente, me sinto bem com aquilo que faço, me sinto satisfeito, mas sei que muito do que faço é para pessoas que nem trabalham para mim, é para pessoas que terão trabalho no futuro, os novos profissionais. ◀